

LEO CUNHA, autor, escreveu recentemente:

“Censura e moralismo na literatura: eu sou o alvo da vez...

Recentemente postei aqui que um livro da Ana Maria Machado estava sendo alvo de uma leitura enviesada e rasteira, e pedidos de censura. Antes dela, livros de Pedro Bandeira, José Mauro Brant e outros mais.

Agora chegou minha vez. Alguns cidadãos de Atibaia estão protestando (e até pedindo polícia!!!) porque um livro meu teve exemplares comprados pela prefeitura.

O livro é o “Pela estrada afora”. A queixa é que o livro traz palavrões.

Não sei se essas pessoas leram o livro todo antes de protestar, mas quero ressaltar que os 2 ou 3 palavrões que existem no livro são necessários à história, e estão inseridos na lógica narrativa.

É a história de um neto que se aproxima da avó pelas palavras (charadas, adivinhas, provérbios), mas se afasta dela por conta dos palavrões (a avó é muito religiosa e não admite palavrões).

Ao final do livro, um palavrão vai selar a ligação eterna de afeto entre os dois.

Acho importante destacar alguns pontos:

- Este livro foi o vencedor do Concurso Nacional de Histórias Infantis do Paraná (1993).
- Foi o vencedor do prêmio Autor Revelação no Prêmio Jabuti de 1994.
- Foi o vencedor do prêmio Autor Revelação da FNLIJ, em 1994.
- Já teve mais de 20 edições e quase 100 mil exemplares vendidos.

Depois de 25 anos no mercado, é a primeira vez que o livro enfrenta esse tipo de problema.

Tenho convicção de que o meu livro trata temas espinhosos com delicadeza e responsabilidade.

De mais a mais, repito aquilo que sempre venho dizendo. Literatura não é aula, não é uma forma de enfeitar o mundo ou esconder seus problemas, não é lugar para edulcorar a vida.

Literatura é para encantar, divertir, emocionar, assustar, provocar, tudo isso junto. ”

